

## A PROSA EM LÍNGUA PORTUGUESA – UMA HERANÇA MEDIEVAL ESTRANGEIRA

### META

Diferenciar a prosa histórica em língua portuguesa da produção peninsular. Analisar a recepção das novelas de cavalaria na cultura portuguesa medieval.

### OBJETIVOS

Ao final desta aula, o aluno deverá:

Diferenciar e caracterizar os vários tipos de gêneros em prosa, relacionando-os com o papel desse gênero na sociedade portuguesa;

Diferenciar uma Cantiga de Gesta dos livros de linhagem;

Identificar os elementos portugueses nas novelas de cavalarias importadas das culturas inglesas e francesas;

Analisar a importância do herói nas crônicas portuguesas das histórias dos reis

### PRÉ-REQUISITOS

Contexto histórico da Idade Média e Poesia trovadoresca



Cavaleiro

(Fonte: <http://www.flickr.com>)

## INTRODUÇÃO

Esta aula aborda como surgiu a historiografia em Portugal, destacando as três fontes mais importantes: crônicas dos mosteiros, novelas de cavalaria e livros de linhagem. Antes das novelas de cavalaria que foram importadas, a cultura portuguesa já possuía a tradição oral das cantigas de gestas, narrativas em versos cantadas pelos jograis. A história do primeiro rei português Afonso Henriques faz parte do imaginário português de origem de uma narrativa nacional. Esse elemento mistura-se com outros mitos próprios da tradição popular que o constrói como um herói bravo e resistente. Ressalta-se também a importância das crônicas sobre os reis ibéricos como fonte dessa prosa, que tem relevância por ser documento histórico. Destacamos também que as novelas de cavalaria que fizeram sucesso em Portugal são de origem inglesa e pertencem ao chamado “ciclo de Bretanha”. Desse ciclo apenas *A demanda do Santo Graal* aparece traduzida em português da época. As outras partes se perderam. Têm-se notícias apenas de resumos das outras partes. Esta aula também contempla alguns aspectos das novelas de cavalaria e o caso do *Amadis de Gaula*. Na atualidade, uma das principais fontes para o estudo desse imaginário medieval são os filmes de época, por isso propomos que você assista a *Cruzadas*, *Lancelot*, *Em nome de Deus*, e *O nome da rosa* para se aproximar do imaginário estudado nessa aula.



O filme a Cruzada retrata de forma bastante contundente o conflito da época medieval (sec. XII) entre cristãos e muçumanos pelo domínio de Jerusalém.  
(Fonte: [livrosehqs.wordpress.com](http://livrosehqs.wordpress.com))

## AS ORIGENS DA HISTORIOGRAFIA EM PORTUGAL

Como temos destacado desde o primeiro momento, a produção da Literatura Portuguesa foi sendo construída aos poucos. Nos primeiros anos, não há como separar definitivamente o que era especificamente português do que era produzido na Península Ibérica. A prosa em Língua Portuguesa não foi diferente. Os crônicas são os textos que antecederam as crônicas. Esses crônicas foram escritos em latim, como as hagiografias, narrativas sobre os santos, e os livros de linhagens. Esse dois gêneros textuais são narrativas que têm seu valor por guardarem a memória dos primeiros anos do nascimento do Estado Português. Existem também alguns textos que relatam acontecimentos bem anteriores ao surgimento de Portugal, quando aquela região ainda era chamada de Condado Portucalense.

A historiografia medieval tem sua tradição iniciada nos mosteiros com sua cultura letrada. A arte de ler e interpretar os clássicos e livros sagrados ficou a cargo do Clero durante a primeira parte da Idade Média. Outra fonte importantíssima de história está na cultura popular medieval, conservada por meio das narrativas populares, das cantigas de gestas e cantigas trovadorescas. No século XIII, há registros de uma crônica que narra diversas histórias referentes à península ibérica e seus reinos. Trata-se da *Crônica Geral de Espanha*, um exemplar que integra diversos pontos de vista dessa região que vão desde textos escritos em latim clássico ou medieval, passando pelos historiadores árabes e até canções de gestas. Como se vê, a primeira obra de que se tem notícia já surge dessa ampla tradição de se narrar os fatos importantes para a sociedade. Na corte de Afonso X, encontramos escribas a serviço deste rei de Castela e Leão (conhecido como “o Sábio”) que supervisionava o trabalho. Nesse mesmo reinado, foi produzida e incentivada a divulgação da poesia trovadoresca.

Podemos afirmar que era comum na Europa cristã a historiografia produzida nos conventos, quer dizer, a preocupação em narrar e guardar a memória local, de alguma forma, já era preocupação corrente antes mesmo do surgimento do Estado Português. Além dessa tradição cristã, a Península Ibérica teve contato com a historiografia árabe que era traduzida e lida nas primeiras cortes portuguesas, por isso, podemos admitir que a historiografia ibérica usou a cultura árabe como modelo, ou seja, o modelo árabe foi incorporado ao jeito medieval de se fazer historiografia. Também é válido destacar que os cantares narrativos, divulgados pelos jograis, são importantes referências para entendermos como essa tradição historiográfica foi aos poucos se consolidando. Esses cantares eram tidos como fatos verídicos e não como ficção, pois traziam diversos elementos realistas.

Para melhor situar, a tradição desenvolvida nos mosteiros destaca a vida do clero e dos santos, enquanto as narrativas populares vão destacar os feitos do reis e nobres. Nesse sentido, já podemos observar que essas narrativas orais têm um caráter épico, pois tratam da construção de fatos e heróis relacionados à região de Portugal. Os interesses do clero são bem diferentes dos da coroa, por isso as duas formas de narrar seguem seus caminhos sem muita aproximação: o jeito clássico de narrar no tom impessoal da oratória vai ser encontrado no texto cristão dos mosteiros, no qual há muitos discursos indiretos. Isso ressalta o caráter impessoal da narrativa que não valoriza nem o lado aventureiro nem o grandioso de suas personagens. Por outro lado, vindos da tradição oral, temos textos com frases mais diretas, mais objetivas, com pormenores. Dessa tradição, vem o gosto pelo testemunho, pelo diálogo e, sobretudo, pela individualidade dos grandes heróis com os quais o povo se identificava.

Para não nos estendermos nessa introdução, cabe destacar alguns textos correntes já nessa fase da prosa na península Ibérica. Em Portugal, há registros de acontecimentos anteriores ao século XIII. Contudo, apenas depois do reinado de Afonso Henriques, realmente, aparecem narrativas referentes aos seus feitos. Nesses textos, já há resquícios de um ideal de pátria e de povo português. A primeira crônica de que se tem notícia, escrita em língua portuguesa, é de 1344, *Crônica Geral de Espanha*, o nome é o mesmo da produzida na corte do rei Afonso X. Há, todavia, outras narrativas influenciadas pela história do primeiro rei português Afonso Henriques e pela tradição árabe. Outro destaque desse período é o *Livro de Linhagem do Conde D. Pedro*, que traz muitos fatos já contidos na crônica de 1344. Na historiografia de Portugal, outro texto que merece destaque é a *Crônica Breve de Santa Cruz de Coimbra*, que já traz relatos referentes ao primeiro rei Afonso Henriques e a seus sucessores. Para sintetizar esse panorama histórico, destacamos os cinco textos da tradição historiografia de Portugal: *Crônica Geral de Espanha* (em galego-português), *Crônica Galego-portuguesa de Espanha e Portugal* (1342), *Três Livros de Linhagens* e *Crônica Geral de 1344*, atribuída a D. Pedro, conde de Barcelos. Essa última crônica possui uma versão em castelhano de 1400 (cf. SARAIVA e LOPES, 2008, p. 82).

### O IMAGINÁRIO ACERCA DE D. AFONSO HENRIQUES

D. Afonso Henriques não foi aclamado rei após a morte do seu pai o conde francês Henrique. Veja por que isso aconteceu: sua mãe, Dona Teresa era a regente do condado, mas queria fazer um acordo com Castela e Leão para manter o condado subjugado a leis externas. Contrariado com essa perspectiva, o infante, Afonso Henriques, ajudado pelo povo, lutou

pela independência dessa região. Dos acontecimentos históricos, muitos fatos narrados passaram a fazer parte da lenda afonsina, muito importante, nos primeiros anos do surgimento de Portugal, como parte da tradição oral daquela região. Resumidamente e sem documentos oficiais que comprovem essa lenda, a história do primeiro rei português foi narrada valorizando as seguintes etapas:

- 1 – Morte do conde D. Henrique (pai de Afonso);
- 2 – Lutas de Afonso Henrique com sua mãe pela manutenção de independência de Portugal;
- 3 – Lutas do novo rei Afonso Henriques para ser reconhecido pela Igreja;
- 4 – Luta contra Afonso VI (rei de Castela e Leão) pela independência do Condado Portucalense;
- 5 – Tomada de Santarém por Afonso Henriques; e
- 6 – Desastre de A. Henriques no assalto a Badajoz (cf. SARAIVA, LOPES, 2008).

Como se vê, a trajetória do rei é trágica desde a luta contra a mãe Teresa, que o amaldiçoa, até o acidente em Badajoz, que o deixa com sequelas. Tal concepção da história que nasce da vontade coletiva sobre a valorização da vida do primeiro rei de Portugal, leva-nos a crer que houve um ciclo de narrativas populares sobre tais acontecimentos. Ora, como uma construção coletiva, há muitos feitos míticos que são atribuídos ao rei pela necessidade de construção de uma imagem do herói imbatível e invencível. Nessas lendas, o rei é um cavaleiro bravo e impulsivo. Elas lhe atribuem um perfil bárbaro, de homem decidido, forte e enérgico. Dos grandes feitos de A. Henriques, a tomada de Santarém parece ser o episódio mais marcante. Essa tradição deriva de poemas jogralescos, que glorificam a história desse primeiro Rei de Portugal.

Tal concepção de um herói impulsivo e valente não se repete nos textos dos mosteiros, nos quais o rei é um homem educado e temente a Deus, e seu principal objetivo é uma cruzada religiosa. Como foi visto, há, reconhecidamente, uma oposição entre a construção da imagem do rei nas narrativas populares e nas versões da Igreja. Portanto, podemos concluir que, entre a nobreza (centro do interesse das narrativas populares) e o Clero, havia diferentes interesses sobre a história de Afonso Henriques. Sobre as origens desses relatos, não há certeza: tanto podem ter sido iniciados por portugueses como pelos narradores dos feitos dos reis ibéricos. Todavia, fica a idéia de que, na cultura oral, foi conservada a tradição de repetir a cantiga de gesta de independência que valoriza o papel do Rei Afonso Henriques e os primeiros indícios de amor à terra para a construção de uma consciência nacional que, mais tarde, no século XV, será tão bem desenvolvida nas crônicas de Fernão Lopes, que resgata a história dos reis de Portugal.

## LIVROS DE LINHAGEM

Além das crônicas feitas nos mosteiros e das narrativas populares cultivadas pelos jograis, outra importante fonte de prosa histórica está nos livros de linhagens. Esses documentos tinham uma função civil: serviam para resolver dúvidas no caso de herança, filiação ou de casamentos entre parentes. A historiografia de Portugal não fica completa sem os livros de linhagem. Por meio deles, registros de família nobres foram sendo compilados, de época em época, até chegar às versões que conhecemos a partir do século XVI. Seus objetivos não foram apenas de deixar o legado de suas famílias para a história, já que, com esses livros, a nobreza pretendia também enfatizar sua origem e a linha de descendência de suas famílias. Assim, a elite ficava protegida dos impostores e plebeus e assegurava o prestígio e unidade da aristocracia. Esses livros são um testemunho da vida senhorial portuguesa. Entre as filiações, há também narrativas de raptos, truculentas vidas conjugais, cenas de violência grotesca e até cenas de galanteios.

Nesses livros, pouco interesse estético há, pois eles apresentam uma estrutura textual simples. São narrativas compostas por orações coordenadas bastantes infantis. Todavia, com o passar do tempo, houve uma pequena sofisticação desses relatos. Nota-se que, além das informações básicas, seus autores passaram a explorar algumas técnicas estilísticas, como a preparação da narrativa, informações táticas de batalhas e o adensamento gradativo da luta, o que nos dá uma idéia de clímax com a vitória. Essas características são encontradas no livro de D. Pedro, filho bastardo de D. Dinis, que viveu exilado na corte castelhana. Todos os feitos são descritos por meio de hipérbolos e cenas grotescas de muito sangue e muita morte, denunciando o fanatismo cego das cruzadas. Nesse período, os livros de linhagens já se aproximam das narrativas dos romances de cavalaria e apresentam elementos históricos importantes para se entender o contexto português medieval. As tentativas de juntar histórias de cavalaria e a História de Portugal podem ser consideradas as antecessoras do método de Fernão Lopes.

Nesse primeiro momento, havia muita proximidade entre os gêneros em prosa. Por exemplo, algumas técnicas próprias dos livros de linhagem foram incorporadas pelos cronistas medievais. Então, voltando à questão das crônicas, é importante destacar o processo de evolução estilística. A forma como os fatos são incorporados a partir de técnicas dos livros de linhagem e de diferentes fontes orais vão dando a cada compilação uma nova roupagem. Isso fica bem nítido na *Crônica de 1344*, em que a concepção genealógica ganha espaço, diferenciando-se da *Crônica Geral* que obedece a uma cronologia dos fatos, embora, no texto de 1400, a versão que predomina seja outra, pois o esquema das linhagens desaparece e se valo-

rizam os acontecimentos cronológicos da Cronica Geral afonsina (cf. SAVAIVA, LOPES, 2008)

Como visto, a historiografia portuguesa que, no início, não se pode separar da Península Ibérica, ganha força com a crônica geral e com as diferentes fontes das narrativas populares sobre os feitos de D. Afonso. Contribuem para isso as iniciativas do conde Pedro e da corte portuguesa, mas esse processo só ganha validade com a incorporação das tradições orais voltadas para a narrativa épica do primeiro rei de Portugal. Claro que essa visão nacionalista vai ser fortalecida e ganhar mais força no imaginário português com a Revolução de Avis, (1383-85), na qual a idéia de pátria portuguesa passa a ser usada em oposição aos ideais de Castela. A conjuntura nacionalista do século XV fortalece o ideal nacionalista já presente nos primeiros textos em prosa de Portugal.

Para finalizar, temos que ressaltar o quanto a idéia de texto foi se transformando com as traduções e compilações nos diferentes idiomas da Península Ibérica. Ora, estamos diante de uma herança cultural própria da Península Ibérica. Mas nem todas as influências sofridas pela prosa em língua portuguesa veio apenas dessa península. Os ciclos dos romances de cavalaria chegaram via Inglaterra e França, como veremos a seguir.

### A NOVELA DE CAVALARIA E O CASO AMADIS DE GAULA



Amadis de Gaula novela de cavalaria (Fonte: [http://4.bp.blogspot.com/\\_2v0ij07xqWk/Rsmx8UyvTSI/AAAAAAAAABI/q-pHHkNjHd8/s200/Amadis+de+gaula.jpg](http://4.bp.blogspot.com/_2v0ij07xqWk/Rsmx8UyvTSI/AAAAAAAAABI/q-pHHkNjHd8/s200/Amadis+de+gaula.jpg))

Assim como a poesia, a ficção medieval vem da origem popular de caráter imaginário que resulta da síntese entre a tradição latina e a trovadoresca. Na primeira, destacamos os poemas hagiográficos (vidas de santos) produzidos pelo clero. Na segunda, as canções de gesta, que surgem do anonimato. Estas últimas eram compostas por narrativas de heróis lendários de séculos atrás. Isso foi muito comum na Europa cristã. Destacamos aqui, como exemplos, *El cantar del Cid* e as *Chançons de Roland*, a primeira de origem castelhana e a segunda, francesa. Lembramos, contudo, que a tradição lendária popular da Idade Média tem duas fontes: a da Bretanha e a da França. Assim, podemos dizer que as novelas de cavalaria medievais são originárias da Inglaterra e da França, e que nasceram das tentativas de se contarem em prosa as mesmas histórias das canções de gesta (poesia com temas guerreiros). Por conterem muitos dados, essas canções, aos poucos, passaram também a ser lidas. Dessa tradição, nasceram as novelas de cavalaria que chegam a Portugal no século XIII via corte. No processo de tradução e compilação, às novelas francesas e inglesas eram acrescentados fatos e dados próprios da geografia e cultural

de Portugal. Para melhor nos situarmos, vale lembrar que há três tipos de origens dessas novelas: as da Bretanha – ciclo arturiano – O Rei Artur e seus cavaleiros estão no centro; as da França – ciclo carolíngio – gira em torno de Carlos Magno e os doze pares da França; e as clássicas, com temas greco-latinos (cf. MOISÉS, 2003, p. 26-27)

Os dois últimos ciclos não tiveram um desenvolvimento reconhecido em Portugal, pelo menos que tenha chegado até os dias de hoje. Só temos notícia de uma tradução de *A Demanda do Santo Graal*, que é considerada a novela mais importante que teve circulação em Portugal. Essa novela chegou aos lusitanos através de uma tradução francesa e também, aos poucos, foi sendo adaptada ao contexto local. O texto português sintetiza a trilogia bretanha composta por *Lancelote em prosa*, *Lancelote*, *a Demanda* e *A morte do Rei Artur*. A adaptação do que era apenas uma conquista do povo bretão contra os invasores bárbaros passou a ser narrada conforme os interesses da Igreja Católica. A *Demanda do Santo Graal* já traz narrativas míticas repletas de símbolos cristãos e mostra seu caráter pedagógico de formação dos cavaleiros dentro dos princípios religiosos. Trata-se de uma tentativa da Igreja de ir contra o desvirtuamento dos cavaleiros, processo muito comum após suas conquistas.



Um cavaleiro medieval (Fonte: <http://images.google.com.br>)



Nesse sentido, *A Demanda* é uma novela mística, pois o herói, Gaalaz, filho de Lancelote, passa por todas as provas sem cair em tentação. Nessa versão cristã, a busca da salvação espiritual é o que movimenta o herói. Tal fato opõe-se ao eixo central das novelas de cavalaria tradicionais, nas quais o maior objetivo é a vida do cavaleiro e a proteção da vida do senhor feudal. Com a forte influência do cristianismo, encontramos poucas passagens eróticas e fantásticas na versão que chegou a Portugal. O que predomina, na versão portuguesa, é a concepção simbólica religiosa até certo ponto heterodoxa da Igreja Católica, que não conseguiu silenciar todos os elementos mágicos próprios dos rituais célticos.

Como vimos na aula 1, a cultura cavaleiresca tem muita influência no imaginário da corte portuguesa medieval. Os nobres que faziam parte da vida palaciana tinham certo fascínio por essas histórias. O cavaleiro é sempre um homem livre, forte, com uma vida cheia de aventuras. O relato de tais proezas era bem recebido e aceito pela vida palaciana. Num primeiro momento, muitos desses relatos foram difundidos por poemas jogralescos. Por exemplo, D. Dinis, à sua época, já cita Tristão e Isolda, Merlim, Flores e Brancaflor, personagens trágicas dessas narrativas lendárias. Já no século XIII, há traduções de novelas francesas em prosa do ciclo da *Demanda do Graal* (ciclo arturiano), que trazem esses personagens como Merlin.

A tradução portuguesa da *Demanda do Graal* traz um texto para ser ouvido, por isso sempre há o interlocutor, que se torna presente no texto com as interlocuções do narrador, que usa diálogos com expressões exclamativas, com um ritmo cantante próprio dos textos trovadorescos. Como já destacamos acima, ideologicamente, *A Demanda* se distancia da concepção de amor e de moral cortesês, que ressalta o amor como caminho para a felicidade. Nessa novela, o amor é pecaminoso e a virgindade recomendada para o herói e a donzela. Os heróis cavaleiros e amantes ficam à sombra dos heróis devotos a Cristo como Gaalaz, o herói dessa novela. Como a ideologia cristã prevalece na versão portuguesa da *Demanda*, os mitos célticos são substituídos pelos cristãos. Assim, desde o século XIII, as novelas de cavalaria fazem parte do imaginário medieval português e apresentam a transição por dos heróis bárbaros aos virgens e castos. Dentro dos elementos próprios da cultura ibérica, temos o culto ao amor cortês e o cavaleiro valorizando a fidelidade a Deus, como acontece com Gaalaz. Assim, essa ficção incorpora uma castidade doentia para os cavaleiros. O amor passa a desempenhar um papel negativo em oposição à valentia e castidade do herói cristão. Agora vamos ler alguns fragmentos de *A Demanda*, nos quais Gaalaz aparece em dois momentos, um como herói invencível e no outro como herói casto.

## A DEMANDA DE SANTO GRAAL

O resumo dessa novela pode ser contado assim: Os cavaleiros se reúnem na corte do Rei Artur antes de iniciarem a busca do Santo Vaso do Graal. Galaaz surge como um ser iluminado e próprio para vencer todos os desafios exigidos para aquela busca espiritual. Como prova que é o escolhido, Galaaz é o único a conseguir tirar a espada encravada numa rocha.. À noite, há uma aparição miraculosa do Vaso, mas esse desaparece misteriosamente. Depois desse episódio, Rei Artur leva os cavaleiros a uma floresta de onde partem em busca do Vaso Sagrado. A floresta é palco de diversas aventuras. Há raptos, mortes, degolas, como próprio do imaginário medieval. Galaaz passa por muitas provações até encontrar o Vaso. Agora vamos ler algumas passagens em que Galaaz lutar para vencer seus desafios. Depois de implorar do amor do casto Gallaz e deitar-se na mesma dele, a donzela apaixonada resolve se matar no episódio A tentação de Galaaz:

- Metede mentes**  
Prestai atenção
- Ai, donzela! Mal aconselhada sodes; **metede mentes** em vossa fazenda, e catade a alteza do vosso linhagem e de vosso padre, e fazedo que nom prendam desonra per vós.
- Quando a donzela estou ouviu, respondeu como mulher fora de sem:
- Preçades**  
Elogios
- Senhor, nom há i mester al, pois que me tam pouco **preçades**, que em nenhua guisa nom queredes senam matar-me. E a morte é migo cedo, ca me tevessedes i convosco, ca vós sodes razon da minha morte, e vós ma podedes **tolher**, se vós quiserdes.
- Tolher**  
Tirar (livra-me dela)
- E Gallaz nom soube que dissesse, e disse à donzela que se se matasse como dizia e per tal razom, bem entedesse que nom daria el rem por sua morte; e de outra guisa lhe disse ca se fosse a mais fremosa que Nosso Senhor fizesse, el nom cataria mais por ela. E disse-lhe ca mais lhe valeria de estar em virgindade, ca se lhe os outros fizessem tanto como ele, bem poderia ser que moreria virgem. E a donzela, que era toda como **tolheita**, quando viu que nom poderia de Galaaz haver seu prazer, disse:
- Tolheita**  
Paralisada
- Todavia**  
De toda maneira
- Como? cavaleiro, **todavia** queredes ser tam vilão, que me nom queredes al fazer?
- Nom, disse el, bem vos digo e bem sede em segura.
- Folia**  
Loucura
- Por boa fé, disse el, a, esto será **folia**, ca morredes porém ante que daqui saia.
- Nom sei, disse el, o que será, mas se esso fosse, ante eu queria morrer fazendo lealdade, ca escapar e **fazer torto**, o que nom queria.
- Fazer torto**  
Cometer uma ofensa
- Depois que esto ouviu, nom atendeu mais, ante saiu e foi correndo à espada de Galaaz, que pendia à entrada da porta da câmara, e sacou-a da bainha e filhou-a a âmbalas mãos e disse a Galaaz:

- Senhor cavaleiro, vedes aqui o engano que havia nos meus primeiros amores. E mal dia fostes tam fremosso, que tam caramente me **converá** comprar vossa beldade.

Quando Galaaz viu que ela já tinha a espada na mão e que se queria ferir com ela, saiu todo espantado e deu-lhe vozes:

- Ai, boa donzela! **Sofre-te um pouco** e nom te mates assi, ca eu farei todo teu prazer.

E ela, que era tam coitada que nom poderia mais, respondeu per sanha:

- Senhor cavaleiro, tarde mo dissestes.

Estam ergueu a espada e feriu-se de toda sua força per meio do peito, de guisa que a espada passou-a e pareceu da outra parte, e a donzela caeu em terra morta, que nom falou mais cousa”

(In SPINA, Segismundo. 2006, p. 84-85)

Agora vamos ler trechos que retratam a cultura mágica e cavaleiresca de A demanda do Santo Graal. No primeiro momento, há a presença de barcas voadoras e da devoção dos cavaleiros aos princípios cristãos. No segundo fragmento, você a presença de cavaleiros amigos de Galaaz, que luta para defender Tristão, sem mesmo saber que esse cavaleiro é de seus pares. Dessa forma, Galaaz confirma sua ética de lutar pelos menos favorecidos. Veja como o episódio é narrado:

### A BARCA MISTERIOSA – O TORNEIO FORTE E MARAVILHOSO

Quando Boorz se partiu da abadia, ua voz lhe disse que fosse ao mar, ca Persival o atendia i. El se partiu ende, assi como o conto o há já devisado. E quando chegou aa riba do mar, a fremeosa nave, coberta de um eixamete branco aportou, e Boorz desceu e encomendou-se a Nostro Senhor, e entrou dentro e leixou seu cavalo fora. E tanto que entrou dentro, viu rem que a noite era muito escura; e acostou-se ao boordo e rogou a Nostro Senhor que o guiasse a tal lugar u sua alma podesse salvar. E, pois fez as oroçom, deitou-se a dormir. E manhã, quando se espertou, viu na nave uu cavaleiro armado de origa e de branfoneiras. E, pois, catou, conhecê-lo e tolheu logo seu elmo e foi-o logo abraçar e fazer com ele maravilhosa ledice. E Persival foi maravilhado, quando o viu vir contra si, ca nom podia entender quando entrara na nave. E pero, quando o conheceu, foi tam ledó, que nom poderia entender quando entrara na nave. E pero, quando o conheceu, foi tam ledó, que nom poderia chus. E ergueu-se e abraçou-o e recebê-o como devia. E começou o um ao outro a contar de sas aventuras, que lhes averom dês que entraram na demanda. Assi se acharom os amigos na barca que Deus lhes guisara, e atendiam i quais

**Converá**  
Convirá

**Sofre-te um pouco**  
Contém-se por um instante.

aventuras lhes el quisesse enviar. E Persival disse que lhe nom falecia de as promessas, fora Galaaz.

...

Um dia lhe aveo que a ventura o levou per ante uu castelo, u havia uu torneio forte e maravilhoso; e havia i gram gente da ua parte e da outra, e dos da Mesa Redonda havia i muitos, uus que ajudavam os de dentro, e outros os de fora, e nom se conheciam, pólas armas que haviam cambadas. Mais aquela hora que veo i Galaaz, que a ventura adussera aaquel torneio e que ajudava os de dentro, sofrera já i tanto que tinha já mui grandes IIII chgas, ca todolos de fora estavam sobre ele pólo prenderem, porque viram que era melhor cavaleiro que nenhu dos outros; e nom havia i tal dos outros que lhe tanto mal fizesse como Galvam e Estor, que eram da outra parte, e nom no colheciam, e pero el se defendia tam vivamente, que todos os que o viam eram maravilhosos. Galaaz estava já muito preto da porta, e viu ante si uu cavaleiro mal-chegado, que saíra do torneio e ia fazendo tam gram dôo, que nom vistes maior. E Galaaz se chegou a ele e prguntou-o porque fazia tam gram dôo:

- Por quê? disse el: pólo melhor cavaleiro do mundo, que vejo morrer per grã maa-ventura, ca todo o mundo é contra el, assi como veeedes, e ainda nom quer leixar o torneio.

- E qual é? disse Galaaz.

E el lho mostrou.

- Par Deus, disse Galaaz, verdadeiramente el é mui booo cavaleiro. Assi Deus vos salve, dize-me como há nome.

- Senhor, disse el, há nome dom Tristam.

- No nome de Deus, disse Galaaz, eu o conhosco mui bem. Ora me terriam por mau, se o nom fosse ajudar.

Entom se leixou correr a eles e meteu Gilflet em teraa; dêi i, Estor; dêi i, Sagramor; dêi i, Lucam. E depois que lhe quebrou a lança, meteu mão aa espada, como aquel que se sabia bem dela ajudar, e meteu-se u era a maior pressa, e começou a derribar cavaleiros e cavalos, e a fazer tam gram maravilha de armas, que quantos o viam se maravilhavam em. E Galvam disse a Estor e aos outros seus companheiros que já cavalgaraom:

- Por esta cabeça, este é Galaaz, o booo cavaleiro. Ora será foi quem no mais atender, ca a seu golpe nom pode durar arma (IN MOISÉS, 2006, p. 38-39).



Guerra santa (Fonte: <http://images.google.com.br>)

### O CASO DE AMADIS DE GAULA – UMA TRADIÇÃO DE ORIGEM IBÉRICA

Como vimos, *A Demanda do Santo Graal* é uma tradução e adaptação do ciclo de Rei Artur. Além dela, há uma polêmica em torno de *Amadis de Gaula* (1508), uma das mais importantes novelas escritas na Península Ibérica, mas que possui mais de uma versão para sua origem tanto em relação à autoria como ao idioma vernáculo. A briga entre castelhanos e portugueses pela autoria dessa obra chegou aos dias de hoje. Como não há um ponto final, *Amadis de Gaula* pode ser considerada uma obra ibérica. Essa polêmica gira em torno de *Amadis de Gaula*, porque a versão de 1508 é castelhana, mas já foram descobertas páginas escritas em língua portuguesa com datas anteriores a essa. A controvérsia é sustentada porque há também algumas citações de personagens do *Amadis* em textos anteriores a 1508. Por isso, diversos estudos tentam provar que o *Amadis* foi escrito antes em língua portuguesa e que os originais foram perdidos (ver SARAIVA; LOPES, 2008, p. 97-98).

Ao contrário dos valores da novela da *A demanda de Santo Graal*, o *Amadis* traduz uma época em que a poesia trovadoresca era forte na corte medieval, por isso, traz a galantaria palaciana própria dessas cortes. O jovem Amadis se apaixona pela senhora a quem serve e por ela luta. Sua dedicação a Oriana, a mulher amada, é total. Ele é um donzel apaixonado que suspira de amor. Assim, é completamente diferente do herói do Santo Graal, casto e fiel aos ensinamentos cristãos. Ao contrário de Galaaz, que não se sente em nenhum momento tentado a se deitar com a donzela, Amadis é roído por cruéis desejos, mas se mantém casto até o ato em que se deita com sua amada Oriana numa floresta. Há tanto elementos do maravilhoso da cultura da Bretanha como da gesta francesa. Por ser uma narrativa que corresponde aos anseios da aristocracia palaciana, ela traz um final feliz que premia as virtudes do herói. Dessa forma, podemos ler o *Amadis* como um manual de bons modos para o amador cortesão. Essa obra traz muitos modelos da vida fidalga, como: diálogos apaixonados, cartas, mensagens de desafio ou de queixumes entre outros elementos próprios da vida palaciana. Além do mais, essa novela passou um modelo muito difundido com continuações e outras versões dos mesmos acontecimentos no século XVI.

### CONCLUSÃO

Estudamos nesta aula um pouco sobre como os primeiros textos em prosa foram construídos em Portugal. Das narrativas da fundação do reino à divulgação das novelas de cavalaria houve uma evolução técnica. As narrativas do Rei Afonso Henriques foram fundamentais para fundar essa tradição. Além desse primeiro momento, houve a importante evolução nas narrativas dos livros de linhagens, que foram ganhando mais elementos do cotidiano. Estudamos também que os livros de linhagem tinham uma função civil. Por meio deles se construía a linha genealógica de um representante da nobreza. Já as crônicas, narrando os acontecimentos dos reis da península ibérica, são outra importante forma de desenvolvimento da prosa até chegarem ao formato das crônicas de Fernão Lopes, nome expressivo da prosa portuguesa, como veremos mais adiante. Por último, estudamos a forma como as novelas de cavalaria ganharam uma visão cristã conforme os interesses da Igreja.

## RESUMO

Esta aula sintetizou como a historiografia se desenvolveu em Portugal, destacando as três fontes mais importantes: crônicas dos mosteiros, novelas de cavalaria e livros de linhagens. Ressaltamos que, antes das novelas de cavalaria, a cultura medieval já possuía uma tradição oral proveniente das cantigas de gestas, narrativas em versos cantadas pelos jograis. Dessa tradição, apenas se têm notícias das histórias do Rei Afonso Henriques, mas nada registrado oficialmente. Destacamos a importância da tradução de *A demanda de Santo Graal* para a evolução da narrativa historiográfica portuguesa. Dessa tradição importada, os símbolos cristãos ganharam força e deram novos rumos para os mitos da Bretanha. Concluindo esta aula, estudamos o caso do *Amadis de Gaula*, novela castelhana publicada em 1508 que é reivindicada como portuguesa por alguns historiadores, mas que não há provas. Desta aula, destacamos o quanto a tradição de narrar envolve vários gêneros textuais.



## PRÓXIMA AULA

Vamos continuar estudando o desenvolvimento da prosa em língua portuguesa. Vamos avançar no tempo de chegar à Revolução de Avis, para destacar as crônicas de Fernão Lopes e o espaço dado ao povo e aos fatos comprovados em suas narrativas. Depois vamos analisar como a prosa doutrinal produzida pelos infantes D. Duarte e D. Pedro, filhos do vitorioso rei D. João, apresentam um caráter filosófico atual. A próxima aula, portanto, trata de uma das mais fascinantes etapas da História de Portugal.



## ATIVIDADES

1. Descreva a forma como a prosa se desenvolveu na Idade Média Portuguesa. Ela teve influência popular ou apenas da vida na corte?
2. Ao ler a primeira parte dessa aula, você pôde observar que não há apenas uma tradição que antecede a prosa em língua portuguesa. Agora diferencie esses tipos textuais que já eram comuns a península ibérica antes do surgimento do Estado Português.
3. Você concorda que as narrativas de Afonso Henriques foram importantes para o nascimento da prosa em língua portuguesa? Comente qual a relação dessas narrativas com os livros de linhagem que foram incorporadas pelas crônicas portuguesas.
4. Quanto às novelas de cavalaria, como *A demanda do Santo Graal* foi difundida na cultura portuguesa? Destaque as influências locais.



## COMENTÁRIO SOBRE AS ATIVIDADES

1. Ele foi se desenvolvendo por etapas. Como não há os registros originais dos textos mais importantes, temos apenas a compilação desses textos, mas já feitos no século XVI. Daí não termos dados precisos. Sabemos que as crônicas dos mosteiros, os livros de linhagem e a cultura popular são fundamentais para esse desenvolvimento. A cultura popular e a cortês se confundem nessa tradição.
2. Os cronicões dos mosteiros medievais. Os livros de linhagem. As cantigas de gesta. Todos marcam as narrativas que antecederam o estado português.
3. Ela é muito mais uma narrativa mítica. Gira em torno de um ideal. Ela é importante pela vontade de uma unidade que ela representa. Os livros de linhagens não se aproxima da narrativa do rei por ter um caráter civil e técnico. Nele temos apenas a tradição das famílias nobres. Com o tempo, foram incluídos fatos do cotidiano. Nem por isso as duas narrativas se aproximam esteticamente. Tematicamente trata-se de narrativas de nobres.
4. A demanda apresenta uma versão cristã, os símbolos e a construção do herói casto pertence a visão da Igreja Católica, diferente do mito céltico original, que desenvolve uma narrativa em torno da força do cavaleiro que vence a tudo e todos e não teme perder a vida. Ele aproveita a vida mundana e os prazeres das conquistas. Gaalaz representa uma versão casto do herói.

## AUTOAVALIAÇÃO



Nesta aula, você entrou em contato com dois gêneros textuais: os ficcionais e os históricos. A historiografia, dessa forma, se mostra como um importante referencial da cultura medieval. Assim, fica fácil você se autoavaliar: basta relacionar os tipos de textos em prosa e como eles evoluíram em Portugal. Outro aspecto importante é saber como a novela de cavalaria se desenvolveu em Portugal. Diga aí se essa aula não foi fácil!



## REFERÊNCIAS

- MOISÉS, Massaud. **A literatura portuguesa**. 32 ed. São Paulo: Cultrix, 2003.
- MOISÉS, Massaud. **A literatura portuguesa através dos textos**. 30 ed. São Paulo: Cultrix, 2006.
- SARAIVA, António José; LOPES, Óscar. **História da Literatura Portuguesa**. 17 ed. Porto: Editora Porto, 2008.
- SARAIVA, José Hermano. **História concisa de Portugal**. 24 ed. Lisboa: Publicações Europa-América, 2007.
- SPINA, Segismundo. **Presença da literatura portuguesa – era medieval**. 11 ed. Rio de Janeiro: Difel, 2006.